



O SERTÃO VIROU ARTE: Uma história do Cinema Piauiense¹

Rosa Edite da Silveira ROCHA²
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI.

Resumo

O referido trabalho consiste em fazer uma análise descritiva e histórica do cinema piauiense, de 1968 a 1980, a fim de identificar as especificidades, contornos e variantes das produções locais; resultando em um panorama horizontal das produções no Piauí. No trabalho serão levadas em consideração apenas produções feitas no próprio estado e realizadas por piauienses, além de aspectos como o isolacionismo cultural e local, a falta de políticas públicas, a falta de estímulo financeiro e de aparato técnico para as produções audiovisuais no Estado.

PALAVRAS CHAVE: COMUNICAÇÃO; MÍDIA; AUDIOVISUAL; PIAUÍ.

Desde seu surgimento, em 1985, em Paris, França, o cinema informa, cativa e diverte o ser humano. No Piauí, o cinema mostrou sua cara ainda nos primeiros anos do século XX, com exibições nas salas do Theatro 4 de setembro. No entanto, apenas na década de 70 temos as primeiras produções legitimamente piauienses. Nessa época, um grupo de jovens criaram um jornal alternativo chamado “Gamma”, nome dado porque aqueles que colaboravam sentavam-se nas grammas da praça da Liberdade, no centro da cidade, para as discussões das pautas. Dentre eles estavam os amigos Paulo José Cunha, Edwar Oliveira, Arnaldo Albuquerque, Carlos Galvão e Durvalino Couto Filho. O objetivo era fazer um movimento trazendo a cultura para mais perto da população.

Nessa época, alguns dos rapazes fizeram uma entrevista com o piauiense Torquato Neto que estava em Teresina para tratamento. Depois dessa entrevista eles se juntaram com Torquato e fizeram o curta “Adão e Eva – Do Paraíso ao Consumo” (de Carlos Galvão). O filme tinha apenas 3 minutos e trazia Claudete Dias e Torquato como os protagonistas da história. Começa então, no Piauí, a *onda* do Super 8. “Depois desse curta, todo mundo queria fazer seu próprio filme e o mais interessante é que todas as

¹ Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste

² Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, 2006. Aluna da Especialização em História Cultural. Universidade Federal do Piauí, 2008.



expressões artísticas começaram a se juntar ao cinema e criar uma união entre as artes: música, literatura, cinema, artes plásticas.” (COUTO, 2006).

Após esse filme vieram as produções: “Miss Dora” (72), de Edwar Oliveira; “As Feras” (72), de Durvalino Couto; David Aguiar fez o curta “David vai Guiar” (72), um dos primeiros curtas a ter a média de 15 minutos de duração; Francisco Pereira da Silva filmou “Tupi Niquim” (72); Arnaldo Albuquerque fez a animação “Carcará Pega Mata e Come” (75), primeira animação piauiense, com cinco minutos de duração; Carlos Galvão fez “Por Enquanto”; Arnaldo Albuquerque e David Aguiar fizeram “Gilete com Banana” e Noronha Filho fez “O Guro das Sexys Cidades”.

Um dos filmes de maior sucesso e que gera comentários ainda hoje é o curta de Torquato Neto, “Terror da Vermelha” (71) ou, como ele mesmo denominava, “Só Matando”. Um filme idealizado pelo poeta, com característica de cinema de autor. “Todos os filmes piauienses dessa época eram mudos, alguns ainda tinham ao fundo das imagens uma sonorização com uma música qualquer, mas não eram feitos como os filmes brasileiros da época, onde a imagem e o som eram gravados na mesma película. Isso porque esse tipo de tecnologia era bastante cara e nós não tínhamos acesso por aqui” (COUTO, 2006).

Alguns movimentos cinematográficos de grande impacto no cinema brasileiro, como a chanchada, por exemplo, não tiveram grande influência no cinema piauiense. No entanto o Cinema Novo com suas idéias liberais acerca do poder da união entre imagem e ideologia incentivou vários amantes da arte e foi responsável pela criação de Cineclubes na região. Contudo, era o ato de produzir os filmes que chamava mais a atenção dos cineastas da época. Para a maioria deles, mais interessante que ver o filme pronto era o ato de filmar. Eles discutiam uma idéia, improvisavam atores e pequenos roteiros e arriscavam fazer cinema, mesmo com vários fatores contra. “A cidade de Teresina era cheia de problemas. Não tinha telefone em todos os lugares; a eletricidade às vezes funcionava, às vezes não e eu acredito, até, que foram vários desses movimentos que ajudaram a modernizar a cidade, junto com os projetos do então governador Alberto Silva, a chegada da Ufpi (...) Muitas coisas aconteciam simultaneamente em Teresina, apesar de ser uma época muito difícil no ponto político, mas uma época de ebulição cultural” (MARINHO, 2006).

Mas foi o Cinema Marginal, trazido por Torquato Neto, que mostrou força no Piauí. O artista tanto dirige e faz os filmes como atua em produções de amigos.



Em 1971 ele (Torquato) estreita suas relações com o cinema e trabalha como ator no papel-título de *'Nosferatu no Brasil'*, rodado em Super 8 por Ivan Cardoso. Defensor intransigente do Cinema Marginal, ganharia sua melhor tribuna em agosto, quando inicia a coluna Geléia Geral no jornal Última Hora (...) Volta a participar como ator de produções undigrudi como *'Helô e Dirce'*, de Luiz Otávio Pimentel, e *'A Múmia Volta a Atacar'*, dirigido por Ivan Cardoso. Em junho (de 72) vai à Teresina para sua última internação, no sanatório Meduna. Lá, roda com amigos o Super 8 *'O Terror da Vermelha'*, em que o personagem principal, em tudo parecido com ele, volta a sua cidade natal e assassina seus amigos. O filme, repleto de imagens de sua infância, inclusive de seus pais, foi montado apenas depois de sua morte, seguindo anotações que havia deixado (PIRES, 2004).

De acordo com o cineasta Kleyton Marinho, Torquato influenciou bastante os amantes do cinema e produtores piauienses. “Quando voltava aqui participava de filmes. O Torquato estourava, porque ele tinha artigo no jornal, era criador de opinião. Ele influenciou todo o cinema do Piauí. Eu vi muita gente fazendo cinema aqui no Piauí por causa dele.” (MARINHO, 2006).

Depois da morte de Torquato Neto, o cinema piauiense diminuiu o ritmo de produção. No entanto, volta a chamar atenção no final da década de 70, quando jovens que participavam do Cineclubes Teresinense resolveram pôr em prática o que viram na teoria. Desses, destacam-se Dácia Ibiapina; Valderi Duarte; Luís Carlos Sales, Socorro Melo e Lorena Rego, que criaram o grupo Mel de Abelha. O grupo trabalhou junto durante pouco mais de sete anos e realizou sete filmes: “Povo Favela” (78), que participou do Festival de Vídeo do Piauí em 1980; ‘Pai Herói’ (80); “Relógio do Sol” (81) e “Espaço Marginal”(81) que foram premiados no Festival de Vídeo Piauiense de 81 nas categorias Didático e Ficção; “O Pagode de Amarante”; “Dia de passos” e “Da Costa e Silva” (85), último trabalho do grupo e resultado de premiação, em 1984, no I Concurso de Argumentos e Roteiros para Super-8, realizado pela Secretaria de Cultura do Estado, em uma homenagem prestada ao consagrado poeta piauiense Antonio Francisco da Costa e Silva (1885-1950).

No Piauí, o cinema foi se desenvolvendo ao longo dos anos. Mesmo com muita dificuldade, os cineastas locais, profissionais ou não, se colocavam à disposição da arte e, na maioria das vezes, pagando para isso. Ao passar dos anos o ritmo das produções foram caindo. Talvez pela morte de uma das grandes influências na cultura local, Torquato Neto, talvez pelo cansaço da não disposição do governo e da população em



apoiar as produções locais. O interessante é que, mesmo assim, a arte continua se desenvolvendo. Festivais foram criados, ao longo dos anos, estudantes foram se interessando mais em materiais audiovisuais, faculdades de comunicação foram surgindo e, com isso, mais possibilidades no estudo e no aprofundamento do tema.

O cinema está sempre relacionado com o mundo ao seu redor. Por isso a criação dos movimentos cinematográficos, das escolas e dos gêneros, que facilitam a linguagem na questão tempo-espço. Um dos principais meios de comunicação de massa, o cinema trás em si características pessoais tanto dos responsáveis pelas produções, quanto da época, momento e espaço em que foi feito. Assim são, também, os piauienses. Com características peculiares entre si. As produções locais são, em sua maioria, curtas-metragens que trabalham a questão social ou enfocam a educação e a cidadania. Em algumas situações, como é o caso de “As Feras” (79) de Durvalino Couto e David Aguiar, ou “Tio João” (80) de Noronha Filho, existiu a preocupação em resgatar e registrar as tradições da cultura popular.

As primeiras produções locais, os curtas produzidos por Noronha Filho, Arnaldo Albuquerque, Durvalino Couto, Edwar Oliveira e David Aguiar, dentre vários outros, traziam a ironia e a sátira como suas principais chaves-mestra nas produções. O teor cômico dos filmes mostrava, de forma subliminar, suas revoltas e indignações diante do momento histórico em que viviam³ – os filmes foram feitos, em sua maioria, no período da ditadura e a censura era a principal “pauta” dos produtores – ou esboçavam suas opiniões diante da vida e da dependência do brasileiro a pequenas coisas⁴. Enquanto o cinema brasileiro se deleitava sobre as produções cinemanovistas, o Piauí assim, e de forma humilde, trabalhava com o Cinema Marginal e suas principais vertentes.

Fazer cinema no Piauí já era, desde cedo, complicado. Sem estrutura, sem apoio financeiro, sem meios de aperfeiçoamento da arte – com exceção dos Cineclubes, mas esses não trabalham com a prática de forma profissional – os trabalhos eram feitos de forma amadora e, principalmente, com recursos próprios.

No entanto, embora as produções piauienses, da década de 60 a 80, tivessem sido significativas para o Estado, em números, elas nem se comparam a estados como o Maranhão, por exemplo, que apresentou as primeiras filmagens nos primeiros anos do século XX, manteve um intervalo de décadas até voltar à produção, o que aconteceu

³ É o caso de “Gilete com Banana”, onde o protagonista faz uma sátira ao poder político da época, enquanto brinca com uma banana em, praça pública, como se fosse uma arma.

⁴ É o caso de “Adão e Eva: Do Paraíso ao Consumo”, onde o amor é mostrado como mero comércio.



somente nos anos de 1970, quando nada menos que 94 títulos em Super 8 foram catalogados entre 1973 e 1981, revelando um surto na produção do estado, não verificado em nenhum outro momento. Pernambuco, por sua vez, produziu mais de 200 filmes nos 10 anos do Ciclo do Super 8 no estado⁵. Os números, quando comparados, chegam a assustar, já que o Piauí tem pouco mais de 15 filmes produzidos, na mesma época.

Situação semelhante era vista quando na realização de eventos na área, como festivais e cineclubes. Enquanto que nos demais Estados do Nordeste, o *boom* visto no período do Super 8 gerou a proliferação e efervescência de cineclubes e de festivais, que estimulavam a produção, quase toda em Super 8; no Piauí, apenas o Festival de Cinema (82) e a Mostra de Cinema Piauiense (86) davam ênfase aos trabalhos locais através de apresentações. Entre os principais festivais ocorridos nas demais regiões no mesmo período estão: Jornada de Curta-Metragem da Bahia, Festival de Penedo (AL), Jornada Maranhense, Festival de Cinema de Recife e Festival Nacional de Cinema Amador (FENACA), em Sergipe, a maioria com repercussão nacional.

Mesmo com todos os fatores que “impedem” o desenvolvimento do cinema local, o piauiense encontra ânimo e força de vontade para expor sua criatividade através da arte cinematográfica. Independente de questões financeiras, políticas, culturais e até técnicas, os cineastas do Piauí continuam produzindo curtas, médias e até iniciando produções de longas que passam a atrair olhares de curiosos e de pessoas que apóiam a cultura local. No entanto, é preciso analisar e encontrar formas de melhor trabalhar cada fator de influência no atraso do desenvolvimento cinematográfico local.

Mudando a Cultura Piauiense

Ir ao cinema não é um ato mecânico. É interessante saber como ele funciona, entender suas linguagens, interpretar suas mensagens, ver e ler os filmes como uma visão da vida e não utilizá-lo como simples meio de entretenimento. Para favorecer o crescimento do cinema local, dentre outras coisas, a população precisa se alfabetizar cinematograficamente, perceber o cinema, passar a valorizar essa expressão devidamente.

⁵ Dados retirados da tese de mestrado da piauiense Karla Holanda



Da mesma forma pensa o cineasta piauiense Kleyton Marinho, que há mais de dez anos vive o cinema. “O cinema é diferente da televisão, não é um ato mecânico. O cinema você já sai de casa predestinado, não é a mesma coisa de estar assistindo televisão. Você vai pra uma sala que vai ficar escura, onde você vai colocar os olhos, onde você vai viver uma história. As pessoas consideram essa coisa de ir ao cinema como um simples divertimento; como se fosse a mesma coisa de ir a um bar tomar uma cerveja. Na realidade, cinema é a perfeição da arte de contar história. E, pra mim, a coisa que o homem mais faz e mais gosta de fazer é contar história”.

No Ceará, a cultura local de ir ao cinema já é vista de forma diferente. Com escolas de aperfeiçoamento e com uma significativa valorização cultural, o cearense já se dispõe, facilmente, a ver e analisar uma obra cinematográfica, tanto de fora quanto local. E essa disposição refletiu, diretamente, na produção de documentários. Entre 1994 e 2003, os produtores cearenses realizaram 33 documentários dos mais diversos temas. Enquanto que no Piauí, esse número foi de apenas seis produções⁶.

Políticas públicas

O Piauí é um estado essencialmente político. Funciona, respira e vive em função da política. É essa mesma política, ou melhor, o Estado, o maior “incentivador” da cultura local. E isso não é só no Piauí; a cultura nacional depende de políticas públicas e leis de incentivo que desenvolvam a cultura brasileira. O cinema, o teatro, a dança, a música; todas as expressões artísticas necessitam do incentivo público para existirem. Podemos utilizar como exemplo mais coerente a situação da cinematografia brasileira após a extinção da Embrafilme⁷ pelo presidente eleito, em 1990, Fernando Collor. Nesse período, o cinema brasileiro viveu um período de estagnação, com a produção de pouquíssimos filmes em longa-metragem e que, quando realizados, chegavam com dificuldade ainda maior ao circuito comercial cinematográfico.

No Piauí não houve nenhuma lei de incentivo para o audiovisual até a década de 80. Conhece-se, através dos cineastas e de suas produções, quando patrocinadas pelo

⁶ Dados retirados da tese da pesquisadora piauiense Karla Holanda. Segundo a pesquisadora os números foram retirados através da catalogação de filmes feita durante sua pesquisa.

⁷ A Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S.A.) foi criada em 1969, como um apêndice do Instituto Nacional do Cinema (INC), criada através do Decreto nº 862, de 12 de dezembro de 1969. A União, representada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), ficou com 70% das ações e os outros 30% restantes foram diluídos entre outras entidades de direito público e privado. A liquidação da empresa foi concluída em junho de 2003, com o Decreto nº 575 que dispõe sobre a transferência de bens e haveres da Embrafilme Distribuidora de Filmes S.A.



governo estadual ou municipal, pequenos concursos de incentivo ao audiovisual, como o que aconteceu em 1985, realizado pela Secretaria de Cultura do Estado, através do governador Lucídio Portela, em homenagem ao escritor Da Costa e Silva. E, segundo o cineasta Durvalino Filho, o governador Alberto Silva incentivou, de certa forma o cinema local quando patrocinou alguns curtas e o longa “O Guru das Sete Cidades” (70).

Todo o desenvolvimento do cinema piauiense durante seu surgimento até a década de 80 e, quiçá aos dias de hoje, deve-se aos estímulos individuais dos próprios cineastas, profissionais e amadores. De acordo com a pesquisadora Karla Holanda, ações isoladas como essas não provocam grandes resultados, apenas revelam esforços individualizados que acabam se diluindo aos poucos. É necessário, portanto, associar leis de incentivo, concursos, formação e festivais para que os resultados sejam positivos, além de fortalecer lideranças e entidades para que as conquistas na área sejam constantes e permanentes, tais quais acontecem nos centros nordestinos que têm o audiovisual mais desenvolvido⁸.

O financeiro e o técnico como entrave cultural

O cinema é uma arte cara. E não precisa ser um filme hollywoodiano ou uma ficção com atores estrangeiros. Qualquer curta-metragem custa caro e, sem financiamento público nem privado, os cineastas piauienses, apaixonados por suas produções, acabam tirando do próprio bolso, pagando para expor sua criatividade ao mundo. Estrutura técnica, mão-de-obra, deslocamento, atores; tudo é pago. Além do alto custo das produções cinematográficas, o suficiente para pesar no bolso de qualquer piauiense, o consumo e a venda dos trabalhos são tão precários – e nisso podemos levar em consideração a não valorização do produto local, já mencionado anteriormente – que não cobrem o valor a ser gasto. Algumas vezes, e com sorte, o cineasta pode ser contemplado em concursos e Festivais, mas o valor recebido é, na maioria das vezes, apenas um valor simbólico.

O cinema piauiense, assim como o brasileiro, ainda não possui um apoio verdadeiro das empresas privadas; como as produções americanas e européias. O empresário local ainda não encontra, no cinema, uma fonte de expansão da sua marca.

⁸ Aqui a pesquisadora se referia aos estados do Ceará, Bahia, Pernambuco e Paraíba.



Pode acontecer de pequenos patrocinadores apoiarem uma produção; como uma empresa de aluguel de veículos disponibilizarem um carro para deslocamento, uma loja arrumar roupas para o ator principal, ou ainda a padaria fornecer o lanche durante os dias de trabalho duro. Mas um patrocínio de R\$ 200 mil, ou R\$ 300,00 ainda não está em cogitação no Estado. Com exceção dos empresários que trabalham com a Lei A.Tito Filho (no entanto a lei ainda não funcionava na década de 80 – período analisado pela pesquisa).

Um ponto que é bastante tocado pelos empresários é a falta de mão-de-obra qualificada na área no Piauí. Essa desqualificação acaba gerando uma visão negativa para os trabalhos locais, o que dificulta os incentivos públicos e privados. O problema é que não existe Escola de Cinema, cursos, faculdade, ou qualquer outra fonte de ensino na área que possa qualificar os profissionais; diferente de alguns estados do Nordeste onde o cinema é mais desenvolvido, como o Ceará, que possui o curso na Casa Amarela Eusélio Oliveira, ligada à Universidade Federal do Ceará, e o Instituto Dragão do Mar, vinculado à Secretaria de Cultura do Estado.

Cinema Piauiense?

Faltam políticas públicas, faltam leis de incentivo, faltam financiamentos, falta cultura de pesquisa e cultura de consumo, falta mão de obra especializada e, principalmente, falta a valorização da cultura cinematográfica local. São tantos os pontos negativos que influenciam no não desenvolvimento da sétima arte no estado que suas características e qualidades acabam sendo subjugadas ou esquecidas.

No entanto, embora os problemas sejam tamanhos, o Piauí, ainda assim, conseguiu criar uma história cinematográfica, tanto de projeção quanto de produção. De forma tímida o Piauí foi desenvolvendo uma arte pouco conhecida profissionalmente – inclusive pelos “cineastas” da época –, através da criatividade unida à curiosidade.

Enquanto o Brasil possuía inúmeros filmes bem feitos e já premiados, o Piauí iniciava suas produções com filmes que traziam em si a liberdade e a sátira dos traços marginais além de seu desprendimento. Mesmo sem profissionalismo, os amantes da arte no Piauí traziam consigo a força de vontade de mostrar um pedaço da vida, de contar uma história de forma virtual, através da imagem em movimento.

E o cinema piauiense é cíclico, como o cinema brasileiro. Teve suas fases e tem sua história. Teve seus momentos de avanço e visibilidade, como no início da década de



70 com o filme “Tio João”, do cineasta Noronha Filho, um dos primeiros filmes premiados nacionalmente no Festival JB de Cinema, em São Paulo⁹; ou ainda nos anos 80, com o grupo Mel de Abelha. Antes disso tiveram os filmes em super8 de Torquato Neto e outros militantes ligados ao Cineclubes Teresinense, que funcionou no Colégio Diocesano.

O Cinema como identidade cultural

O cinema não foi criado com uma fórmula única. Ele existe; produz, trabalha; mas suas influências é que o caracterizam. Ele não tem um formato próprio. É montado de acordo com seus vieses, suas influências, seu meio, de acordo com o mundo ao seu redor. Podemos tentar definir o cinema como identidade cultural através do trabalho de lingüística ou semiologia estrutural feito pelo pensador Ferdinand de Saussure e exposta por Stuart Hall em seu trabalho sobre a identidade cultural na pós-modernidade.

As palavras são multimoduladas. Elas carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua (HALL, 1997).

Podemos trabalhar exemplos através dos movimentos cinematográficos. O Cinema Novo surgiu e se desenvolveu no período da ditadura brasileira. A vontade de mudar; o desejo de mostrar o verdadeiro Brasil, a coragem de dizer como funcionava e como vivia a política brasileira e o restante do país amadureceu junto ao Cinema Novo. No Piauí, estado onde as discussões contra a ditadura, os trabalhos de luta e as forças sindicais não eram tão fortes e presentes, não houve um desenvolvimento cinemanovista amplo na época. No entanto, quando paramos para pensar que o desejo de mudar existia no Piauí, mas a coragem e a máquina administrativa eram mais fortes em quantidade e em qualidade que o grupo interessado nisso, conseguimos constatar que o Piauí se inspirou nas características do cinema marginal exatamente por isso. As sátiras e a ironia do marginalismo serviu para esconder o que os cineastas da época não podiam dizer e, assim, em alguns casos, utilizavam cenas grotescas e cômicas para, de forma

⁹ “Tio João” ficou entre os 35 melhores filmes brasileiros do ano (1980).



subliminar, passar suas mensagens. Podemos utilizar como exemplo prático disso o curta “Gilete com Banana”, de Arnaldo Albuquerque e David Aguiar.

Torquato Neto, quando em Teresina, e após encontrar dezenas de seguidores, foi um dos grandes nomes numa luta clara para mostrar a miscigenação da cultura popular, e a importância da mesma; uma outra característica da cultura cinematográfica local. O “Anjo Torto” acreditava que a pessoa só pode saber quem é, pelo que não é, ou seja, só pode conhecer e valorizar “seu lado” quando em contato com outras culturas, quando na mixagem de tendências culturais e regionais.

Sendo assim, nós não podemos caracterizar o cinema de forma única, individual e indivisível. Ele é, como explicamos, plural. E essa pluralidade da essência cinematográfica é que nos faz constatar, com mais ênfase, que existe cinema no Piauí. Pois podemos, agora, mostrar que não existe uma definição única de cinema; um formato singular, uma fórmula exata. Portanto, quando consideramos o cinema como uma prática social e cultural podemos afirmar que a arte existe em nosso Estado. No entanto, a partir do momento em que colocamos a questão industrial e comercial em questão; aí sim, nós teremos um certo problema com a história cinematográfica do Piauí; porque ela, simplesmente, não existirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- COSTA, Antonio. **Compreender o Cinema**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A. 2000.
- HOLANDA, Karla. **Documentário Nordestino: História Mapeamento e Análise (1994-2003)**. Tese de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- Jr. ALBUQUERQUE. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 2. ed. Recife, PE: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-Cinemas e Pós-Cinemas**. Campinas, SP. Papirus, 1997.



MACHADO, Douglas. **Cipriano: O Primeiro Longa do Piauí.** In: Cadernos de Teresina. 30. ed. Teresina: PMT, 1999. p. 58 – 60.

PIPER, James. **Realização em Super 8.** 2. ed. São paulo: Sumus, 1977.

PIRES, Paulo Roberto. **Torquatália: Do Lado de Dentro.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. **Torquatália: Geléia Geral.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

QUEIROZ, Teresinha. **Retrato do Cinema Quando Jovem.** In: Cadernos de Teresina. 23. ed. Teresina: PMT, 1996. p.28 – 31.

_____. **Cinema: Invenção do Diabo?.** In: Cadernos de Teresina. 15. ed. Teresina: PMT, 1993. p.39 – 45.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. **Enciclopédia do Cinema Brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Senac, 1997.

VILHENA, Paulo. **Considerações sobre a identidade Cultural de Teresina.** In: ROCHA, Felon. (Org). Comunicação e Sociedade: A Influencia da Comunicação na Imagem, na Política e na Identidade Cultural do Piauí. Teresina: EDUFPI, 1999. cap. 3, p. 91-102.

VILHENA, Paulo. **Em Busca de uma Identidade Cultural Teresinense.** In: SANTANA, R. N. Monteiro de. (Org). Apontamentos para a História Cultural do Piauí. Teresina: FUNDAPI, 2003. cap. 24, p. 265-271.

XAVIER, Ismail. **Cinema Brasileiro.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.

ANEXOS

ENTREVISTA FEITA COM O CINEASTA KLEYTON MARINHO

Cinema: Definição

A definição técnica de cinema é aquela coisa da fotografia em movimento, que na realidade eu penso que cinema foi um dos marcos do ser humano, porque eu acho que o ser humano na realidade o que ele mais tem e levou em desenvolvimento não foi a descoberta da roda, a descoberta do fogo, mas sim a vontade do ser humano de contar a história, tanto que nos primórdios quando ainda era pré-homem ele começou riscando nas paredes. E esse riscar nas paredes no meu entendimento é contar a história. E o cinema nada mais é que o aperfeiçoamento máximo da forma de contar a história.

Cinema: Piauí e cultura de valorização

Aqui em Teresina nós temos um festival de vídeo. Ele ta entrando na 14º edição. Dentro dos festivais de cinemas e vídeos do Brasil é um dos mais velhos. Inclusive é um dos que conseguiram ficar 14 edições ininterruptas. Todo ano teve. Todo ano desde o primeiro dia até o ano passado. Num sei esse ano. Tomara que tenha né? Aí o que é que acontece? O governo do estado ta com 2 ou 3 anos que começou a investir na história do cinema. 3 anos atrás fechou uma parceria da festival de vídeo com uma mostra de cinema. No ano seguinte, já ciumeira dos governantes, já não foi mais. Aí, foi feito o festival de cinema no mesmo período do festival de vídeo. Aí no ano seguinte, este ano



a mesma coisa. Não cresce o festival de vídeo. Não cresce o outro. Não vou dizer que divide o público, não! Mas divide a opinião das pessoas que nunca foram, que estão em casa que estão sabendo que ta acontecendo duas coisas de cinema ao mesmo tempo num lugar que praticamente não acontece. Podendo ter se juntado os dois e ter feito uma coisa bem maior e tal. Lá na Bahia e nos outros estados, não. As pessoas se reúnem. Eu já participei de algumas jornadas de cinema da Bahia, e lá todo mundo que faz cinema participa junto. A gente trouxe agora o Doc TV pra cá, foi uma luta. No Brasil, ele foi pra todos os estados brasileiros, menos o Piauí e na Paraíba. Porque no Piauí e na Paraíba, as emissoras de tv estatal, no caso a educativa fecharam nesses dois estados. A daqui ainda hoje ta, mais lá, graças à Deus eles criaram vergonha na cara e abriram. A daqui falam que vai abrir e nunca abre. O que é que acontece? Nós conseguimos com muita luta, foi pra Paraíba no ano passado e pra cá. Conseguimos trazer. O que é esse DOC TV? São documentários. Qualquer pessoa pode escrever um projeto, participar. O que for aprovado é bancado pelo governo. 70 % pelo governo federal e 15% pelo governo estadual. É de 100 mil reais. Aí o ano passado por uma luta nossa além de trazer pra cá nós conseguimos que o banco do nordeste pagasse os 30% do governo estadual. Tanto daqui quanto todos os estados do nordeste, foi nós que conseguimos, e isso tudo foi o nordestino unido. Foi maravilhoso.

Cinema: Piauí - História

Se a gente for falar de longa. Em película o José Wilson fez um filme chamado “Um jeito estranho de amar” em 80. Foi um longa. 74 minutos. Em super 8. E foi até pro festival do Maranhão. Trata de homossexualismo e tem a participação de uma serie de atores daqui de Teresina, e feito só por pessoas daqui. “O guru das sete cidades”, um longa de 80 a 90 minutos, feito em película e foi feito antes dele, mas porque que dizem que ele não era piauiense? Na realidade “O guru” é de um grupo chamado “spectrums”, músicos da cidade de São Paulo, tem um cara chamado, que ele tem uma produção paulista. O filme começa lá, depois o grupo vem pra cá e aqui seqüestram uma mulher. Aí eles passam por Teresina, por Parnaíba, por Sete Cidades. Os atores principais são todos atores de lá, inclusive desta banda de rock. Tem uma série de pessoas mas só que este filme tem cinegrafistas daqui. E teve gente na produção daqui. O filme foi feito todo em 35 mm. Em película mesmo. No Diocesano tinha um cineclube. Era onde se encontravam as pessoas. Nós tivemos grande influência do Torquato, que vivia fora, com os baianos. Quando voltava aqui participava de filmes. O Torquato estourava, porque ele tinha artigo no jornal, era fazedor de opinião. Ele influenciou todo o cinema do Piauí. Eu vi muita gente fazendo cinema aqui no Piauí por causa dele. Tinha também o grupo Mel de abelha, em 1981. Era uma idéia na cabeça e uma câmera na mão. Não se tinha uma produção. Depois da era do super 8 veio o primeiro película.

E existe cinema no Piauí?

Existe. O que é cinema? Um documentário é cinema. Um vídeo é cinema. O cinema poderia estar voltado para a parte cultural. Eu não concordo que o cinema seja voltado apenas para a parte cultural. Porque cinema é o ato de contar história, mesmo que ela seja grande ou pequena. O cinema novo foi a idéia principal do cinema de produção aqui no Piauí. Antes do cinema novo, já existia o cinema de arte do Herbert Parente, que ficava na Frei Serafim, projetado em 16 mm. E as pessoas se reuniam, assistiam e debatiam o filme lá. Para início é ótimo ter uma câmera na mão e uma idéia na cabeça, mas você tem que estudar também, depois.

Fatores de influência do não desenvolvimento do cinema no Piauí?



Fatores institucionais. Um dos fatores. A quase nenhuma vontade dos políticos para o desenvolvimento do povo, da educação do povo. A destruição do Parque de Exibição Piauiense. Nós tínhamos exibição em quase todos os maiores municípios. Nós tínhamos cinema, mas se acabou. E a dificuldade de acesso às informações. A diferença de preços das coisas. O custo alto dos equipamentos aqui. Basicamente são caros. Porque a gente já compra nas mãos de revendedores. E equipamentos que ainda não chegaram aqui. Equipamento de iluminação pra cinema. A gente nunca tem. A gente tem equipamento de iluminação pra teatro, pra show, mas pra cinema não. Tudo é mais caro pra chegar aqui.

ENTREVISTA FEITA COM DURVALINO COUTO

Cinema - Início:

Na década de 70. Nós colaborávamos com um jornal chamado “Opinião”, de Petrônio Portela. O editor chefe era o professor Camilo da Silveira Filho, ex-reitor da Universidade Federal do Piauí. Eu, o Paulo José Cunha e o Edwar Vieira começamos a fazer uma página dentro deste jornal chamada “Comunicação”. Era uma página de entrevista. Entrevistamos Dr. Valter Alencar, Carlos Said, Elvira Raulino, Torquato Neto na época em que ele estava depressivo. Imediatamente após a sua entrevista ele começou a colaborar com o jornal. Ele passou a escrever também na página. Foi quando ele nos apresentou a bitola super 8. Uma coisa muito frágil. O filme era muito perecível. Então começamos a fazer filme. Quando eu fui estudar em Brasília, eles fizeram o primeiro filme que se chamava “Adão e Eva, do paraíso ao consumo”. Era um filme de 2 a 3 minutos, no máximo. Este filme foi extraviado por uma mulher que o perdeu na Europa. Este filme foi feito mais ou menos em 1971. Depois disso todo mundo queria fazer seu filme. Tudo acontecia ao mesmo tempo: música, jornal, filme. Lançamos um jornal chamado “Gramma”. O Torquato fez um filme chamado “Só matando”. O Edmar Oliveira fez o “Miss Tora”. Eu fiz um filme chamado “As feras”. Hoje este filme é mais conhecido como “Davi a guiar”. Todos estes filmes foram feitos em 1972. O Francisco Pereira da Silva fez um filme chamado “Tupi niquim”. Todos eram curtas. O Arnaldo Albuquerque, que foi o câmera de todos os filmes, fez um filme que era um desenho, chamado “Carcará, pega, mata e come”. Este filme foi premiado até no exterior. Carlos Galvan fez um filme chamado “Por enquanto”. E algumas pessoas se revelaram como atores. Por exemplo a Claudete Maria Miranda Dias, que foi historiadora da UFPI, Cláudia, Pierre Baiano.

Estes filmes foram na mesma época que os outros?

O desenho talvez tenha sido um pouco depois, por que o Arnaldo estava com a perna quebrada no hospital, e lá, sem ter o que fazer, fez este filme. O Arnaldo fez um filme muito bom que sumiu da polícia federal. Chamava-se “Gilete com banana”. Todos estes filmes eram mudos, por que era muito caro sonorizar estes filmes. Só tinha músicas de fundo. Devido as limitações da tecnologia, os filmes se perdiam com facilidade. Quebravam. Era a época da ditadura, mas era a época de revoltas em todo o mundo. Fatores determinantes para essa imensa mudança que estamos passando hoje.

Esta questão técnica não influenciou...

Devido à limitação da censura, os filmes eram de cunho metafórico. Todas essas limitações faziam com que os filmes ficassem emblemáticos. Mais interessante que ver o filme era o ato de filmar. A cidade de Teresina era cheia de problemas. Telefone, eletricidade. E vários movimentos ajudaram até a modernizar a cidade. A chegada da



UFPI. Os projetos de Alberto Silva. Muitas coisas aconteciam simultaneamente, apesar de ser uma época muito difícil no ponto político, mas uma época de ebulição cultural.

E a questão do desenvolvimento

O Piauí está atrás do movimento cinematográfico do resto do país. O Piauí está engatinhando. Devido principalmente ao custo. Mas tem temas infinitos a serem explorados. Não se fazem mais nem vídeos caseiros praticamente. O cinema é uma arte coletiva. Precisa ter uma estrutura. Em Teresina não tem ninguém que queira levantar o cinema. Mas está na hora.

Quais os fatores que impedem?

O fator econômico em primeiro lugar. O fator cultural. A televisão piauiense poderia investir em cinema. Fazer filmes, incentivar. A criação da ABD (Associação Brasileira de Documentarismo) aqui no Piauí já seria um apoio.

A cultura cinematográfica do Piauí é até muito rica. Na década de 50 só existia 3 cinemas. Mas eles supriam de forma razoável todos os filmes da época. Os grandes ciclos do cinemas passavam aqui.

Se tivéssemos uma produção cinematográfica com certeza teríamos público. O povo de Teresina sempre gostou de cinema. Teresina era uma cidade pobre, e ir ao cinema era uma diversão na época. Pra fazer cinema o que mais pesa é o fator cultural. No fator político falta vontade. O Alberto Silva chegou até a fazer um longa. Ele foi o único governador que teve interesse de fazer cinema aqui no Piauí. Um senhor chamado Arthur Passos filmava as famílias na época do carnaval, e fazia projeção 2 a 3 meses depois. Na década de 50 os clubes tinham projetores de cinema aqui. Eu fiz um documentário sobre Brasília, na época em Brasília. Eu estudei na época algumas disciplinas de cinema na UNB. Íamos todo domingo filmar a rodoviária de Brasília.